

Editorial

Escrever sobre o contemporâneo é uma tarefa das mais complexas. Giorgio Agamben oferece, a partir de leitura que faz das *Considerações intempestivas* de Nietzsche, uma ideia de contemporâneo bastante iluminadora: “Pertence verdadeiramente ao seu tempo, é verdadeiramente contemporâneo, aquele que não coincide perfeitamente com este, nem está adequado às suas pretensões e é, portanto, nesse sentido, inatual; mas, exatamente por isso, exatamente através desse deslocamento e desse anacronismo, ele é capaz, mais do que os outros, de perceber e apreender o seu tempo”¹. Não coincidir com seu próprio tempo, estando deslocado e assim anacrônico, é no entanto já percebê-lo e apreendê-lo – com intensidade. Para o filósofo, o contemporâneo é uma espécie rara, é um poeta que “mantém fixo o olhar no seu tempo” e vê as trevas, vê o escuro, “não se deixa cegar pelas luzes do século”: “o contemporâneo é aquele que percebe o escuro do seu tempo como algo que lhe concerne e não cessa de interpelá-lo” (p. 64). O escuro é tudo o que quer me manter quieto e confortável, submerso no meu tempo. Mas há conflito e

¹ AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução: Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009, p. 58.

estranhamento entre esse sujeito contemporâneo e seu tempo; não há acomodação, pacificação, submissão. Cabe a esse sujeito uma atitude crítica, de esclarecimento e mesmo de ação direta e pragmática em relação a seu tempo, pois o sujeito contemporâneo “está à altura de transformá-lo e de colocá-lo em relação com os outros tempos, de nele ler de modo inédito a história” (p. 72).

Nesse sentido, um escritor que se preza, como quer Agamben, deve ser sempre contemporâneo. Parece-nos, por exemplo, o caso de Guimarães Rosa – ou de Machado de Assis. Como seria um leitor “contemporâneo” de *Grande sertão: veredas* ou de *Dom Casmurro* – ou mesmo de qualquer obra que se queira? Seria um, arriscamos, que não se deixasse envolver pelo tempo (pela cultura, pelo contexto) das obras, isto é, que não se deixasse cegar “pelas luzes”, pelas evidências de cada uma delas, seria um que pudesse exercer em relação a elas uma consciente inatualidade (deslocamento e anacronismo), em vez de se deixar absorver por seus valores, naturalizando-os seja em seu contexto original, seja em seu contexto presente – absorção que seria claramente frontal ao que Agamben entende por contemporâneo. A grandeza de ambos os romances acima – ou de qualquer grande romance – não reside apenas na ousadia de emaranhar, com sofisticação e sensibilidade, temas tão tabus, como sexualidade e fé (o erótico e o religioso), mostrando o quanto de violência individual e social (contra si e contra os outros) essa junção pode produzir. A grandeza está, também, em mostrar para um leitor “verdadeiramente contemporâneo” – ou seja, um leitor que saiba, possa e queira deslocar-se de seu tempo para interpelá-lo e transformá-lo, a um tempo interpelando-se e transformando-se – mostrar que o romance é, ele mesmo, esse contemporâneo.

Machado, Rosa e Agamben trazem algumas perspectivas sobre a força do contemporâneo e da vida presente. O **Dossiê** desse volume da revista *Contexto* – Romances do século XXI – dará a conhecer muitas outras contribuições, desde a proposição de cartografias, sempre parciais, da narrativa e da crítica de nosso entorno, até a análise específica de livros de ficção de autores como Ricardo Lísias; W. G. Sebald, J. M. Coetzee e E. Lavender-Smith; Ana Teresa Jardim; Conceição Evaristo; Mário Levrero e David Markson; Flávio Carneiro; Cristovão Tezza; João Paulo Cuenca; José Saramago; Gabriel García Márquez e Milton Hatoum.

Na seção **Clipe**, se amplia o conjunto de análises de narrativas, agora com artigos sobre obras de Maura Lopes Cançado, Márcia Denser, Inês Pedrosa e Luiz Vilela.

Os pesquisadores aqui reunidos pertencem a distintas instituições (Colégio Pedro II, UEMA, UFBA, UFF, UFG, UFMS, UFRJ, UFSM, Unesp e Unimontes). A eles e, naturalmente, aos pareceristas que colaboraram para a feitura desse número, o nosso cordial agradecimento.

Paulo Roberto Sodré
Viviana Mônica Vermes
Wilberth Salgueiro